

## UMA BREVE LEITURA SOBRE A ÉTICA DA ALTERIDADE EM EMMANUEL LÉVINAS

Ricardo Souza Cruz <sup>1</sup>

**Resumo:** *O objetivo desta comunicação é fazer uma breve análise sobre o conceito de ética da alteridade em Emanuel Lévinas. Para isso, levantarei uma crítica a nossa sociedade atual, tomando como referência a vulgaridade que os termos 'ética' e 'justiça' chegaram em nossos dias. Desde já, informo que o conceito de ética da alteridade na filosofia de Lévinas faz parte de sua experiência teológica dentro do judaísmo.*

O homem moderno vive um grande dilema, como conciliar o conforto possibilitado pelo desenvolvimento tecnológico com os valores éticos e morais. Se por um lado, o homem conseguiu em parte dominar a natureza, por outro ele ainda não conseguiu dominar a sua própria natureza, que de alguma maneira ainda continua egoísta, indiferente e contraditória. Tenho consciência que o próprio cenário moderno é um incentivador de contradições das mais diversas, mas não posso deixar de lado a idéia que, se o homem é livre, toda responsabilidade por seus atos é exclusivamente dele.

Quando nos deparamos com os discursos transmitidos insistentemente pela mídia, clamando por um retorno da ética e da moral, fica a dúvida: será que realmente perdemos algo ou será que nunca tivemos nada para perder? Discursos vazios, experiências retóricas e clamores populares sempre fizeram parte da modernidade, mas nos nossos dias, nos convocam para algo que a maioria das pessoas não compreende o verdadeiro valor. A ética e a moral devem se fundir num conceito de justiça. Antes de falarmos sobre justiça abro espaço para definir o que seja ética e moral.

A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana, assim podemos definir a ética como teoria ou ciência do comportamento moral dos homens. Já a moral não é ciência, mas seu objeto, assim é por ela estudada e investigada. É o que aprendemos ao ler qualquer livro de ética, mas na prática as lições que a teoria nos traz são deixadas de lado, e os valores que deveriam ser incorporados ao nosso dia-a-dia não passam de falácias. Mas qual é a razão que tendemos a deixar de lado a norma e detrimento da banalização dos valores? Qualquer resposta superficial seria leviana, assim prefiro não apontar a causas, mas provocar ao tentar abrir uma porta à oportunidade de uma real transformação do homem moderno. Qualquer leitura que não seja exaustiva sobre os valores do homem moderno estará sujeita a superficialidade, assim acredito que a opinião que será desenvolvida aqui está sujeita a utopia, mas nem por isso deixa de ser uma opção.

Emmanuel Lévinas concebeu a filosofia como inspiração e testemunho profético. Seu pensamento se desenvolveu a partir de um diálogo entre o judaísmo e a filosofia ocidental, entre a sabedoria judaica e a que teve origem na Grécia. Para ele a filosofia é a sabedoria que surge da relação entre Eu e o Outro, da injunção do Outro sobre Eu. Desta forma ele toma a ética como filosofia primeira:

Como se distingue as faltas com relação a Deus das faltas que dizem respeito ao homem? Num primeiro momento, nada é mais simples do que esta distinção: tudo o que causa prejuízo material ou moral ao próximo, assim como toda

---

<sup>1</sup> Formado em filosofia pela UCSal, mestrando em filosofia pela UFBA e bolsista da Capes. Atualmente finalizando dissertação cujo título é: Experiência e narração em Walter Benjamin.

ofensa verbal que lhe for feita, constituem uma falta com relação ao homem; as transgressões dos interditos e dos mandamentos rituais, a idolatria e o desespero, estão no domínio das faltas cometidas com relação ao Eterno. (LEVINAS, 2003, p.37).

Para ele toda falta cometida em relação ao Outro, é uma falta em relação a Deus. Ao aproximar o sagrado do terreno ele não faz apenas teologia, mas constrói uma ponte entre os homens para juntos alcançarem o Eterno. Precisamos atentar que o objetivo de Lévinas com a sua filosofia não é fazer uma filosofia da religião, mas sim, construir uma ontologia existencial a partir da experiência com o sagrado. Como bem atentou Nélio Vieira de Melo:

A relação ética ou a nova ordem do pensar é a inversão da ordem totalitária da razão e o resgate do humanismo do outro homem. A filosofia se torna a sabedoria do amor, sabedoria mais antiga que o conceito, revelação apofântica, mistério inapreensível. A alteridade do outro é a única via da imersão no mistério da criatura e do Criador, e a redenção se realiza na imediaticidade da relação ética. No amor do homem pelo outro se revela o amor de Deus, e se descortina o novo modo de ser do humanismo. (VIEIRA DE MELO, 2003, p.21).

O que Lévinas propõe com sua filosofia é uma crítica às sabedorias que se autoproclamam humanistas. Para ele a crise do humanismo se manifesta na ineficácia da ambição humana e na precariedade da concepção de homem. Seu humanismo consiste na prática do amor e da justiça. Assim, a ética enquanto testemunho da revelação, espera a resposta do homem. Este homem, de forma alguma é um ser passivo; Deus espera dele o amor pelo próximo. Desse amor constrói-se um caminho para a eternidade.

Aqui já podemos observar que a ética proposta pela filosofia de Lévinas não está condicionada pela normatividade, mas encontra-se em movimento constante já que o homem é o ponto de partida. Sua proposta é ousada, ele busca a partir de um estilo existencialista elucidar os fundamentos da ética sem dissociá-los de uma exigência de natureza religiosa. Acredito que a proposta do nosso filósofo continua atual e provocativa, não por tentar conciliar filosofia e religião, mas por convocar o homem a uma postura ética num mundo onde a idéia do sagrado perdeu seu valor ao ser vulgarizado por um mundo indiferente à experiência religiosa.

Precisamos atentar que a experiência com o sagrado não pode e não deve de forma alguma se perder num dogmatismo religioso de caráter autoritário, pelo contrário, é um chamado a uma experiência do sagrado partindo do amor ao próximo. Esta é a diferença entre a ética tomada como um sistema normativo, da ética proposta por Lévinas, que parte do valor mais profundo presente no ser humano, que é o amor. Segue suas palavras:

A justiça brota do amor. Isto não quer absolutamente dizer que o rigor da justiça não se possa voltar contra o amor, entendido a partir da responsabilidade. A política, abandonada a si mesma, tem um determinismo próprio. O amor deve sempre vigiar a justiça. Na teologia judaica – não sou orientado explicitamente por essa teologia – Deus é Deus da justiça, mas seu atributo principal é a misericórdia. Na linguagem talmúdica, Deus sempre se chama Rachmana, o Misericordioso: todo este tema é estudado na exegese rabínica. (LÉVINAS, 2005, p.148).

Esta idéia de amor e justiça nosso filósofo resgata do conceito judaico de *Tzedek* (justiça), que é a qualidade suprema de atuação de Deus e dos homens, unindo, em proporções perfeitas, a justiça com o amor. Como observou Walter I. Rehfeld:

Quando o equilíbrio entre justiça e amor é perturbado, *tzedek* não é mais realizável. Se a justiça enfraquecer, predominam a desordem, a anarquia e a corrupção, e sempre que o amor permanece subdesenvolvido, o formalismo desumano, a burocracia e o frio calculismo acabam com o humanismo na sociedade como no indivíduo. (REHFELD, 2003, p.17).

Para fazer justiça a uma pessoa é indispensável compreendê-la, e toda compreensão que não seja superficial, requer simpatia e amor. Para que ocorra a aproximação deve existir o diálogo, assim compreendemos o poder da palavra para unir os homens numa relação de integridade, amor e respeito. O amor visa à completa realização do ente amado, o que é impossível sem compreensão. Dessa forma podemos concluir que não existe compreensão humana sem justiça. O amor verdadeiro requer justiça, assim como a verdadeira justiça requer amor, ambos se completam pela compreensão.

Fica claro que esta proposta judaica de justiça requer do homem uma responsabilidade histórica, uma responsabilidade em relação ao outro e uma responsabilidade em relação a Deus. Esta nova experiência de dever leva o homem a repensar a sua liberdade. É a partir da liberdade que o homem pode exercitar *tzedek*.

A questão é que o mundo moderno não deixa lugar para o homem exercitar uma experiência de justiça no tocante ao exemplo judaico. O mundo de hoje é o mundo da alienação do capital, da perda da subjetividade, do materialismo desenfreado e do esquecimento do Ser. Vivemos num mundo onde avaliamos a ética e a moral por baixo, o relativismo ético conseguiu banalizar até mesmo um valor transcendental como a moral.

Se quisermos realmente começar a fazer as transformações éticas e morais na nossa sociedade devemos partir da responsabilidade. A responsabilidade não terá sentido algum se tomarmos a noção de sujeito de forma ilusória e se não tomarmos o espírito como autônomo. Para isso, a responsabilidade deve partir do sentimento de solidariedade, ou seja, de fazer parte de uma comunidade. É esta idéia de comunidade que dará subsídios para a construção de um diálogo entre seus membros. É a partir de uma experiência dialógica que poderemos começar a resgatar a ética e a moral do pensamento vulgar a que foram lançadas. Como observou Edgar Morin:

A reforma de vida comporta uma reforma moral. Não se trata de estabelecer novos princípios morais nem de elaborar uma ética adaptada ao nosso tempo, mas de regenerar a ética, não para que se adapte ao nosso tempo, mas, dada a carência ética do nosso tempo, para adaptá-lo à ética. (MORIN, 2005, p.174).

Precisamos adaptar o nosso tempo à ética. Nos nossos dias os valores morais se tornaram relativos, a competitividade levou o homem à indiferença em relação ao outro. O que determina o ritmo das vidas humanas é o capital. Tudo perdeu o sentido, e o que daria sentido se torna desnecessário. Que mundo é esse em que vivemos? É o mundo construído sobre a utopia da ciência, sobre a ideologia do progresso e a indiferença sobre a vida.

É neste lugar chamado mundo que acredito que todo ser responsável possa e deva construir uma ponte que sirva para aproximar os homens. Esta aproximação é mais do que estar junto; é se fazer próximo, tanto pelo falar, como pelo ouvir, quanto pelo tocar e sentir. É dessa experiência com o outro que nasce a responsabilidade e o amor. Aqui amor não tem a conotação vulgar que nos nossos dias se costuma usar. Amor é bondade, misericórdia, paciência e perdão.

O estatuto ético da alteridade no pensamento de Lévinas é a inversão do poder do sujeito pela potência-impotência do Outro. Este estatuto não se põe como mediação que visa um fim, ele não é uma mediação, mas uma modalidade de uma relação que faz do sujeito alguém que padece pelo outro. Podemos dizer que a verdadeira religião é a experiência ética da relação face-a-face. A ética em Lévinas se caracteriza como ética da alteridade:

A alteridade do absolutamente outro não é uma quiddidade inédita qualquer. Enquanto quiddidade, está num plano que já lhe é comum com as quiddidades das quais se separa. As noções do antigo e do novo, entendidas como qualidades, não são suficientemente à noção do absolutamente outro. A diferença absoluta não pode delinear ela mesmo o plano comum àqueles que diferem. O outro, absolutamente outro, é Outrem. Outrem não é um caso particular, uma espécie de alteridade, mas a original exceção à ordem. Não é porque Outrem é novidade que “surge” uma relação de transcendência; mas é porque a responsabilidade por Outrem é transcendência que pode surgir algo de novo sob o sol. (LÉVINAS, 2002, p. 31).

Para Lévinas, Outrem é o outro homem. E desta relação à experiência do sagrado ocorre na terra. A relação com o outro é a experiência de face-a-face, o apelo do rosto. Para ele pensar o rosto como relação ética implica a sua visibilidade. O rosto é a visibilidade concreta e indescritível. Como visibilidade, o rosto não é canal de relações, mas pura relação, como bem observou Nélio Vieira de Melo. Lévinas explica a sua idéia de rosto dentro de uma experiência teológica:

No Antigo Testamento, como se sabe, Deus desce também na direção do homem. Deus, o Pai, desce, por exemplo, em Gênesis 9,5.15, em Números 11,17, no Êxodo 19,18. Não há aí separação entre o Pai e a Palavra; é sob forma de palavra, sob forma de ordem ética ou de ordem de amar que se faz a descida de Deus. É no Rosto do Outro que vem o mandamento que interrompe a marcha do mundo. Por que se sentiria eu responsável em presença do Rosto? Esta é a resposta de Caim, quando se lhe diz: “Onde está teu irmão?” ele responde: “Sou eu guarda de meu irmão?” É isto o Rosto do Outro, tomando por uma imagem entre imagens e quando a palavra de Deus que ele carrega fica desconhecida. Não se deve tomar a resposta de Caim como se ele zombasse de Deus, ou como se respondesse à maneira de uma criança: “Não sou eu, é o outro”. A resposta de Caim é sincera. Em sua resposta só falta a ética; nela só há ontologia: eu sou eu e ele é ele. Somos seres ontologicamente separados. (op.cit. p. 151-152).

Podemos entender a relação com o Outro como uma experiência ontológica de aproximação, preservação e zelo. Dessa união acontece o exercício do mandamento divino: Não matarás. Matar não é tão somente tirar uma vida ao cometer um crime; matar vai além, é não enxergar no rosto do Outro o mandamento divino do amor. Conhecer a Deus é poder ler no rosto do outro sua história, seus méritos, suas fraquezas, sua alegria e sua dor. É saber que somente numa relação ontológica de aproximação o Outro poderá descobrir quem realmente é.

O problema é que o mundo em que vivemos, onde a burocracia predomina, a alienação pela técnica determina os rumos das relações sociais e a violência urbana chega a números alarmantes, não deixa lugar para uma experiência ética dentro dos valores da alteridade que Lévinas propõe com sua filosofia. Mas nem por isso deixa de existir um caminho para se seguir, caminho este baseado na justiça *Tzedek*.

A ética da alteridade que nos propõe Lévinas de certa forma está condicionada pela esfera da experiência religiosa. Num mundo onde os extremos determinam os rumos da história, a dificuldade aumenta a cada dia. Temos alienação de ambos os lados. No primeiro deles a alienação religiosa toma os rumos da barbárie, da intolerância e da indiferença em nome de uma fé dogmática e desumana; por outro lado, existe o oposto, um mundo secularizado onde não existe espaço para uma experiência com o sagrado. Para que aja um consenso se faz necessário que a partir do diálogo (que é um chamado à aproximação), as partes compreendam o valor de uma consciência sadia dentro de princípios de valorização da vida. A vida é o bem supremo. É isto que tenta Lévinas provar com sua ética da alteridade, que é um chamado à responsabilidade:

Na mesma desconfiança a respeito do humanismo, segundo a filosofia contemporânea, há uma luta com a noção de sujeito. Procura-se um princípio de inteligibilidade que não envolva mais o humano, que o sujeito evoque um princípio que não seja envolvido pelo cuidado com a destinação humana. Em compensação, quando digo que a consciência, na relação ao outro, perde seu primeiro lugar, não é naquele sentido; quero dizer, ao contrário, que na consciência assim pensada há o despertar para a humanidade. A humanidade da consciência não está absolutamente nos seus poderes, mas na sua responsabilidade. Na passividade, no acolhimento, na obrigação a respeito de outrem: é o outro que é primeiro, e aí a questão da minha consciência soberana não é mais a primeira questão. (ibid. p. 153).

O sujeito é responsável pela sua responsabilidade, ele é responsabilidade antes de ser intencionalidade. Partindo deste conceito Lévinas constrói sua ética. Dentro dessa visão a liberdade é o fundamento para escolha e a decisão. Para ele o sujeito é o fundamento de tudo, o homem é a medida de todas as coisas. Mas o que é essa liberdade? Vieira de Melo responde:

A liberdade não poderia ser senão a fuga da cegueira do dogmatismo racionalista que leva o sujeito à ingenuidade e ao totalitarismo da boa consciência. O segredo do entendimento da liberdade, nesse sentido, está na descoberta de uma autonomia do sujeito que não significa sua autocomplacência, mas a sua abertura, a sua solidariedade, a sua capacidade de sofrer pelo outro e de obedecer ao apelo que lhe é feito. A liberdade levinasiana se resume à vocação do próximo. (op.cit. p.235).

A autonomia do sujeito enquanto abertura ao outro é um chamado à responsabilidade, e é a partir dela que as mudanças sociais podem começar realmente. Para isso todos devem começar a fazer sua parte; primeiramente abandonando a cultura da indiferença, e exercitando a paciência e o perdão. No momento em que todos fizerem sua parte, o que separava não irá separar mais, e o falar será antecedido pelo ouvir, e o direito será adornado pelo dever de cada um em relação ao outro.

Exigir mudanças sociais é muito fácil quando não começamos a fazer nossa parte, acusar é melhor que tentar compreender, ignorar é melhor que o perdão. Uma coisa é certa, no final todos terminam perdendo alguma coisa ou alguém. No momento que o outro se tornar parte de mim, e o diálogo construir pontes onde antes só havia ruínas, o novo surgirá a partir do amor. Ler Emmanuel Lévinas não deixa espaço para a passividade, pelo contrário, sua leitura incomoda ao convocar seu leitor a repensar tudo aquilo que aprendeu sobre ética, amor e justiça. Com certeza após ler e compreender o que nos ensina Lévinas jamais poderemos olhar para o outro da mesma maneira, já que todo chamado se torna uma aproximação. Esta breve comunicação tem por objetivo convidar a uma leitura deste grande filósofo. Finalizo com as palavras do Rabi Hillel: “Se eu não lutar por mim mesmo, quem lutará? Mas se lutar apenas por mim mesmo, o que serei?”.

## REFERÊNCIA

LÉVINAS, Emmanuel, **Quatro leituras talmúdicas**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_, **Entre nós: Ensaio sobre a alteridade**, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_, **De Deus que vem à idéia**, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2002.

MELO, Nélcio Vieira de. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas**, Porto Alegre, Ed. EDIPUCRS, 2003.

MORIN, Edgar. **O método 6: Ética**, Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005.

REHELD, Walter Israel. **Nas sendas do judaísmo**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2003.